

O REPÓRTER DE TV E AS TECNOLOGIAS:

AS MUDANÇAS NO TRABALHO DO JORNALISTA A PARTIR DO DISCURSO AUTORREFERENCIAL

THE TV REPORTER AND TECHNOLOGIES:

CHANGES IN JOURNALISTS WORK FROM THE SELF-REFERENTIAL DISCOURSE

Débora Lapa Gadret*

RESUMO:

O objetivo deste artigo é pensar, a partir do discurso autorreferencial dos repórteres de televisão, a relação entre o trabalho do jornalista e as tecnologias, que permitem a produção jornalística e telejornalística ao mesmo tempo em que as modificam. Esse estudo é realizado a partir de entrevistas que os repórteres da TV Globo concederam no programa Encontro com Fátima Bernardes entre os meses de outubro e dezembro de 2012. Considera-se que nessas entrevistas, ao falar sobre si, o repórter constrói sentidos para além dele enquanto sujeito enunciador, formando também uma imagem sobre a instituição jornalística na qual ele se insere e sobre o campo jornalístico propriamente dito. Como referencial teórico, baseia-se em estudos que dão conta das mudanças estruturais do jornalismo e de como as tecnologias podem alterar as rotinas produtivas do campo. Conclui-se que a tecnologia aparece como elemento nostálgico das práticas jornalísticas, como elemento restritivo do trabalho do jornalista e como um atributo de competência do campo jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE:

Mudanças Estruturais; Produção de Sentidos; Tecnologia.

ABSTRACT:

The purpose of this article is to think, from the self-referential discourse of TV reporters, the relation between journalists work and technologies, which allow the journalistic production and TV news production at the same time as it modifies them. This study was produced with interviews that TV reporters of Globo conceded in the television program Encontro com Fátima Bernardes between October and December of 2012. It is considered that in these interviews, while talking about himself, the reporter

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS e professora do Curso de Jornalismo da Unisinos. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. deboragadret@gmail.com

constructs meanings beyond himself as an enunciative subject, also forming an image of the journalistic institution to which he in part of and of the journalistic field itself. As a theoretical reference, this article is based on studies that reflect upon structural changes in journalism and that think about how technologies may alter productive routines on this field. As a conclusion, technology appears as a nostalgic element about previous journalistic practices, as a restrictive element of the journalist's work and as a competence attribute of the journalistic field.

KEYWORDS:

Structural changes; Production of Meanings; Technology.

INTRODUÇÃO

A produção jornalística, mesmo em sua gênese, sempre esteve imbricada aos desenvolvimentos tecnológicos de uma época. Desde a introdução dos tipos móveis nas prensas gráficas, que permitiu maior tiragem de jornais a custos menores, passando pelo telégrafo, pelos recursos de rádio e teledifusão até a rede mundial de computadores, a tecnologia não apenas alterou as práticas sociais (BRIGGS; BURKE, 2006) e a noção de tempo social (FRANCISCATO, 2005), como também impactou o jornalismo como parte de um regime produtor de visibilidade pública (THOMPSON, 2009).

À luz dessa premissa é que se busca neste artigo pensar, a partir do discurso autorreferencial dos repórteres de televisão, a relação entre o trabalho do jornalista e as tecnologias. Considera-se que são os recursos tecnológicos que permitem a produção e a difusão jornalísticas e, em especial, telejornalísticas, ao mesmo tempo em que as modificam. Para entender como o jornalista de televisão percebe e lida com as mudanças tecnológicas, serão analisadas sob a perspectiva discursiva seis entrevistas que repórteres sêniores da Rede Globo concederam ao programa matinal da emissora, Encontro com Fátima Bernardes, entre os meses de outubro e dezembro de 2012.

Entende-se nesse estudo que o profissional sênior é aquele que, no ambiente corporativo, “designa o indivíduo que acumula mais tempo de experiência profissional em contraposição ao ‘júnior’, mais jovem e iniciante” (ADGHIRNI, 2013, p. 1). No corpus dessa análise, todos os entrevistados possuem, em média, entre 15 e 30 anos de experiência apenas na Rede Globo e, portanto, não menos no jornalismo¹. Compreende-se,

assim como coloca Adghirni, que esses profissionais sêniores conferem credibilidade às empresas jornalísticas pela notoriedade adquirida.

A seguir, apresenta-se brevemente a trajetória profissional de cada um desses repórteres sêniores para que se possa compreender os lugares de fala desses sujeitos. Neide Duarte formou-se em jornalismo em 1974 e faz parte do quadro de repórteres da emissora desde 2005. Anteriormente, já havia atuado na Rede Globo entre 1980 e 1995. Cobriu a campanha Diretas Já, as mortes de Tancredo Neves e Ayrton Senna, além do acidente da Tam (MEMÓRIA..., 2013).

Sandra Moreyra é a quarta geração de jornalistas de sua família. Tanto bisavó, avó quanto pai, Sandro Moreyra - reconhecido jornalista esportivo no Rio de Janeiro - atuaram em jornais e revistas. Formou-se jornalista em 1976 e entrou da Rede Globo em 1984, com uma breve passagem nos anos 90 pela GloboNews. Participou das coberturas do Plano Cruzado e da chacina de Vigário Geral. (MEMÓRIA..., 2013).

Heraldo Pereira começou sua carreira no jornalismo ainda adolescente em uma rádio de Ribeirão Preto. Aos 18 anos, em 1979, integrou a equipe que ajudou a montar a TV Ribeirão, afiliada da Rede Globo. Após uma breve passagem na TV Manchete, foi para a emissora carioca, passando pelas sucursais de São Paulo e Brasília. Entre as coberturas de destaque estão a Constituinte, as primeiras eleições diretas, o Plano Collor e o Plano Real (MEMÓRIA..., 2013).

Glória Maria estreou como repórter em 1971, na Rede Globo. Foi a primeira jornalista a entrar ao vivo em uma emissora brasileira no ano de 1977, mostrando o movimento de saída de carros no Rio de Janeiro. Foi apresentadora do Fantástico e ficou conhecida pelas reportagens sobre locais exóticos ao redor do mundo, assim como por seus relatos sobre aventuras, como saltar de bungee jumping (MEMÓRIA..., 2013).

André Luiz Azevedo começou seu primeiro estágio no jornalismo em 1972, em um jornal do grupo Diários Associados. Em 1981, entrou na Rede Globo, onde cobriu o escândalo Proconsult, a greve dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional, o escândalo da Previdência, a morte do jornalista Tim Lopes e a ocupação do Complexo do Alemão. Atualmente, é correspondente da emissora em Portugal (MEMÓRIA..., 2013).

Beatriz Thielmann é jornalista e repórter especial da TV Globo, dedicando-se atualmente ao Globo Repórter. Trabalha para a organização desde 1982, onde realizou a primeira

entrevista com Fidel Castro a uma emissora de televisão brasileira (THIELMANN, 2013). Possui uma empresa de media training e vídeos institucionais (SUMMUS, 2013).

Apresentados, mesmo que de forma breve, os repórteres que concederam entrevistas sobre as quais esse artigo busca refletir, passamos a problematizar a questão da tecnologia como parte das mudanças estruturais do jornalismo para, posteriormente, pensar o discurso autorreferencial como parte da produção de sentidos sobre as circunstâncias de produção do jornalismo, entendidas dentro de um contrato de comunicação.

TECNOLOGIA E MUDANÇAS ESTRUTURAIS

Quando aponta a relação das tecnologias com o jornalismo dentro de uma perspectiva de transformações na percepção da temporalidade, Franciscato (2006) afirma que os efeitos das inovações tecnológicas podem ser percebidos ao considerarem-se três aspectos. O primeiro diz respeito aos efeitos da tecnologia sobre a transmissão de conteúdos - sejam eles matéria-prima para o jornalismo ou relatos jornalísticos acabados. O segundo relaciona-se aos efeitos sobre as formas de produção da notícia dentro de uma organização complexa e multifuncional. Por último, estão os efeitos das transformações tecnológicas em relação às habilidades e competências desses jornalistas para manejá-las.

Esse artigo, a partir da produção de sentidos do discurso autorreferencial dos repórteres de televisão, irá tocar nos três aspectos, na medida em que a construção discursiva fala de si, fala do sujeito dentro da organização e também dos processos comunicacionais exteriores a empresa jornalística e ao campo jornalístico - tocando nas relações entre sociedade e tecnologia. É, portanto, relevante debruçar-se sobre esse tema na medida em que olhar a relação do jornalismo com a tecnologia é olhar as transformações que as rotinas produtivas sofrem ao incorporar novos recursos e como os profissionais adaptam-se a essas mudanças.

Ao estudar as mudanças estruturais no jornalismo, Brin, Charron e Bonville (2013) apontam quatro tipos ideais de paradigmas jornalísticos que representam diferentes épocas, mas não se configuram em descrições reais das práticas jornalísticas. Para os autores, “o jornalismo real é um objeto infinitamente complexo e não está conformado, jamais, na sua história, nem a um nem outro dos modelos teóricos puros” (p. 14-15). Dito isso, é possível dissertar sobre os quatro paradigmas para entender como se imbricam nas práticas e nos discursos jornalísticos, levando em consideração que “para que uma mudança

seja considerada estrutural é preciso, portanto, que ela seja suficientemente abrangente e profunda para alterar radicalmente o modo como determinada atividade é praticada e simbolicamente reconhecida/definida pelos atores” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011).

Sobre o primeiro paradigma, Brin, Charron e Bonville (2013) o intitulam de *jornalismo de transmissão*, que se configura no período das gazetas, no qual os gazeteiros atuavam como um elo entre os leitores e as fontes. Ainda não havia se configurado uma identidade discursiva ao jornalismo e ao jornalista. Isso ocorre somente no momento em que emerge a figura do editor de jornal, que coloca sua publicação a serviço de lutas políticas que prega aos convertidos e é financiado por leitores, mecenas e uma modesta publicidade, no paradigma que os autores chamam de *jornalismo de opinião*.

O terceiro paradigma, o *jornalismo de informação*, emerge com a percepção de que a objetividade é o caminho para estender a publicação a um público maior, possibilidade somente avistada com as transformações tecnológicas que permitem o estabelecimento de uma rede de coleta e distribuição (como ferrovias e telégrafo) e o aumento da tiragem (rotativas e papel a preços módicos). Talvez seja esse ainda o paradigma vigente quando se pensa sobre o que é jornalismo e como ele deve ser praticado - um paradigma positivista alicerçado na ideia de imparcialidade e que se crê capaz de dar conta do interesse público, mesmo que não se saiba exatamente como defini-los.

Acredita-se que é por esse motivo que o paradigma que se desenvolve posteriormente, e que ainda não se consegue agarrar de forma tão tangível, seja tão questionado tanto por aqueles que produzem as notícias, quanto por aqueles para os quais elas são destinadas. O *jornalismo de comunicação*, assentado na multiplicação de suportes midiáticos e na superabundância de informação subordinada aos interesses do público impõe ao campo uma série de perguntas sobre o que é jornalismo, para que ele serve e como ele é produzido em face de tantos saltos tecnológicos que impõem ao jornalista uma incorporação de novos conhecimentos e novas práticas produtivas.

Aqui, se deseja olhar para o discurso autorreferencial dos jornalistas sêniores como forma de perceber a produção de sentidos sobre as transformações do jornalismo dentro de circunstâncias de produção relacionadas à televisão como dispositivo de encenação. Acredita-se que os sentidos construídos nesse discurso ajudam a configurar uma identidade do jornalista, bem como dizer em que condições ele deve ser produzido. São essas

produções discursivas que legitimam o jornalismo como campo profissional produtor e disseminador de um conhecimento próprio, relevante ao público.

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE AS CIRCUNSTÂNCIAS DE PRODUÇÃO

Para que o jornalismo possa inserir-se como instituição social de mediação e organização dos acontecimentos que irrompem no cotidiano (HALL et al, 1999; RODRIGUES, 1999), é preciso que haja um acordo tácito entre os jornalistas que produzem as notícias e o público para o qual elas se destinam, no qual esses reconhecem as condições dessa situação de comunicação. Para Charaudeau (2009), esse reconhecimento recíproco chama-se contrato de comunicação. O estabelecimento ou a manutenção desse contrato exige, segundo o autor, que estejam presentes na situação de comunicação algumas condições de enunciação. Nesse artigo, nos interessa pensar a condição de dispositivo - informar em que circunstâncias? - e como ela é constituída por meio do discurso produzido pelos jornalistas.

Mas antes de entrar nesse aspecto, é importante ressaltar que é a condição de finalidade, ou seja, “informar para quê?”, que rege as demais (BENETTI, 2008)². Charaudeau (2009) aponta que a finalidade do contrato de comunicação jornalístico encontra-se em permanente tensão entre “fazer saber”, que tem como desafio a legitimação do jornalismo pela necessidade de instauração da credibilidade da informação jornalística; e o “fazer sentir”, que busca a captação da instância de recepção de forma menos racionalizante e mais emocional para fidelizar o público.

Para Benetti (2008), a função primária do jornalismo seria oferecer o presente social, de acordo com o interesse público e a relevância social, entendendo o jornalismo como um lugar de enunciação institucional e os jornalistas como sujeitos determinados por uma estrutura social. Suas funções secundárias estariam relacionadas a vigiar o exercício do poder e contribuir para a construção da cidadania.

Acredita-se que, em grande parte, a renovação desse contrato é realizada por meio dos conteúdos autorreferenciais presentes no discurso jornalístico, nos quais os jornalistas justificam sua atividade por meio da construção de significados sobre sua função social, seus valores e suas rotinas produtivas. Segundo Bertasso e Lisboa (2012), é crescente a

alusão explícita à organização jornalística nos últimos anos, mas a autorreferencialidade também aparece de modo implícito no discurso.

Esse discurso jornalístico, amparado nos rituais de produção da notícia que permitem organizar a realidade em relatos, constitui um efeito de verdade (FRANZONI; RIBEIRO; LISBOA, 2011). Entende-se, assim, que a instância de produção age tanto em atos quanto em palavras, construindo ao mesmo tempo representações de suas ações e de suas palavras.

Essas representações não coincidem necessariamente com as práticas, mas acabam por influir nelas produzindo um mecanismo dialético entre práticas e representações, através do qual se constrói a significação psicossocial do contrato. Isso nos obriga a levar em conta tanto os discursos de justificativa, produzidos pelos profissionais das mídias sobre o seu modo de fazer, quanto às características do funcionamento da máquina midiática em si (CHARAUDEAU, 2009, p. 73).

Dessa forma, analisam-se os sentidos sobre as condições de produção dentro da televisão como dispositivo de encenação. Quando se considera esse aspecto do contrato, é preciso levar em conta - além dos constrangimentos políticos, econômicos, estruturais, hierárquicos e temporais - as questões técnicas e de suporte que orientam as circunstâncias da produção jornalística. É sobre esses dois últimos aspectos que se concentra o estudo.

Em relação à televisão como suporte, é importante pensar na solidariedade entre imagens e palavras para a construção do discurso jornalístico. Conforme Charaudeau (2006, p. 73), “a informação televisiva é o resultado de uma alquimia sutil entre imagens e palavras (relatos e comentários), de que todos se apropriam através dos imaginários que circulam nas sociedades em que vivemos”. Portanto, os saberes de procedimento e de narração (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987) do repórter de TV precisam levar em consideração aspectos técnicos de recolha e processamento de imagens, bem como para transmissão de sinal para entradas ao vivo, por exemplo. Mesmo que não seja ele que precise efetivamente operar a tecnologia, ele deve compreendê-la e apropriar-se de suas possibilidades na construção discursiva das notícias.

Como bem aponta Traquina (2008), quando elenca os critérios de noticiabilidade, a visualidade é um dos critérios contextuais dos valores-notícia. Precisa-se analisar se há possibilidade de obter imagens ou não, como essas imagens serão captadas e produzidas, bem como qual é a qualidade desse material. Todos esses aspectos dependem das

circunstâncias de produção e os mesmos questionamentos devem ser realizados para a captação de elementos sonoros. É preciso que o som tenha certo parâmetro de qualidade para que as imagens que o acompanham possam ser incorporadas ao discurso noticioso.

Sobre os repórteres de televisão que produzem o discurso autorreferencial que é objeto desse estudo, pode-se generalizar que todos iniciaram suas carreiras no jornalismo - seja em televisão ou não - entre o início dos anos 70 e início dos anos 80. Desde então, houve a consolidação das redes de televisão brasileiras, as imagens deixaram de ser captadas e transmitidas em preto e branco para tornarem-se coloridas, as transmissões externas ao vivo tornaram-se tecnicamente possíveis (MATTOS, 2010), a captação de imagem deixou de ser realizada em película para ser feita por meio de fita magnética e hoje já incorpora o disco digital (NEVES; PIVETA, 2011).

Dentro de todas essas transformações, a Rede Globo sempre se preocupou em ser inovadora na implantação das novas tecnologias audiovisuais - tanto em sua produção ficcional, quanto em sua produção telejornalística. A partir de agora, buscar-se-á ver nos discursos dos repórteres sêniores como eles perceberam e lidaram com as transformações tecnológicas.

O REPÓRTER DE TV E AS TECNOLOGIAS

Para compreender a relação entre o trabalho do jornalista e as tecnologias de produção e transmissão de conteúdos por meio do discurso autorreferencial do repórter de TV, conduziu-se um estudo de sentidos (BENETTI, 2007) no qual foram analisadas seis entrevistas concedidas por Neide Duarte (24/10/2012), Sandra Moreyra (07/11/2012), Heraldo Pereira (14/11/2012), Glória Maria (21/11/2012), André Luiz Azevedo (19/12/2012), Beatriz Thielmann (26/12/2012) no programa Encontro com Fátima Bernardes, considerando a produção discursiva tanto de entrevistados, quanto de entrevistadora. Encontraram-se três núcleos de sentidos principais: a tecnologia como elemento nostálgico das práticas jornalísticas, como elemento restritivo do trabalho do jornalista e como um atributo de competência do campo jornalístico.

O primeiro sentido reconhecido no discurso autorreferencial do repórter de televisão diz respeito à *tecnologia como elemento nostálgico*. Nessa produção de sentidos, o repórter sênior percebe a tecnologia como um elemento que remete a um tempo do jornalismo e das práticas jornalísticas que já passou, mas que está associado a um desejo

de regresso motivado por lembranças positivas. No primeiro exemplo, na entrevista de Heraldo Pereira o telefone enquanto instrumento de trabalho do jornalista é associado à juventude do repórter - um instrumento que, apesar de ser usado hoje, apresenta-se em configurações bastante diversas, como os telefones de botão ou até mesmo os aparelhos celulares.

Heraldo: Eu estou novinho. Meu Deus do céu, que saudades desse tempo.

Fátima: Você está a mesma coisa, Heraldo. Exceto pelo telefone que a gente perceberia que não é agora.

Heraldo: Lembra que a gente tinha esse telefone de disco?

Fátima: De disar, que segurava assim. O último número pra ver se a ligação completava. Segurava e “Aí, completou”. Mas se não fosse pelo telefone, eu diria que é agora, não faz diferença. Talvez um pouquinho menos de cabelo. (PEREIRA, 14 nov. 2012)

Outros dois exemplos da tecnologia como elemento nostálgico dizem respeito a períodos da vida dos repórteres em que ainda não eram jornalistas, mas que mostram a relação pessoal de cada um com o jornalismo tendo os recursos tecnológicos como elemento de identificação do futuro profissional com a sua atividade. Nos casos abaixo, são a máquina de escrever e as rotativas que representam esse elo pessoal. No primeiro caso, a ligação de Sandra Moreyra com o jornalismo desde a infância devido ao pai. No segundo, o momento que remete Neide Duarte a sua escolha profissional. Note-se que ambos os exemplos remetem ao jornalismo impresso e não à televisão, na qual ambas traçaram suas trajetórias, o que revela a identidade do jornalista excessivamente atrelada ao jornal diário.

Fátima: A gente tem uma foto da Sandra ainda... Olha só gente, na maquina de escrever.

Sandra: No colo. No colo dele e no jornal [do pai, Sandro Moreyra]

Fátima: E você ia. Aquela historia que você ia, ele te levava quando estava trabalhando...

Sandra: Ele levava. Aquela coisa de jornalista de plantão que de vez em quando leva o filho. (MOREYRA, 07 nov. 2012)

Neide: E aí eu fui visitar a Folha de São Paulo, que eu nasci e sempre morei ali perto. E aí eu fui com a escola fazer uma visita lá na Folha de São Paulo. E, quando eu cheguei, eu senti aquele cheiro da tinta, que era antigamente, né?

Fátima: Certo, a gráfica.

Neide: É, não pense que foi ontem isso.. E aquele cheiro da tinta, era uma coisa! Eu fiquei encantada com aquele cheiro da tinta no papel, né? A rotativa. (DUARTE, 24 out. 2012)

O segundo núcleo de sentidos refere-se à *tecnologia como elemento restritivo* do trabalho do jornalista, que cerceia e impede certas práticas, bem como causa constrangimentos e desafios ao repórter, tanto em âmbito pessoal, quanto em âmbito profissional. Em duas oportunidades, esse elemento apareceu no discurso autorreferencial de Glória Maria. No primeiro exemplo, ela fala sobre a resistência em aparecer no vídeo pela primeira vez. No segundo exemplo, ela expõe a restrição dos equipamentos de televisão para a locomoção tanto do repórter, quanto do cinegrafista, impedindo a agilidade da reportagem.

Fátima: Olha, a gente está falando mais do início da carreira. Você falou antes que não aparecia [no vídeo]. Essa adaptação do texto só escrito e passar a aparecer no vídeo, que é muito natural sua, foi fácil pra você?

Glória: Não, foi quase impossível.

Fátima: A gente não acredita olhando.

Glória: Ninguém acredita. Eu entrei no ar obrigada pela Alice-Maria. Eu também era muito confortável naquela coisa de texto, né? Então não tinha esse negócio de glamour, maquiagem, se arrumar. Aí ela começou a dizer: “Não, você tem que aparecer no vídeo porque o vídeo é o futuro. Senão, você vai morrer, você vai largar isso”. (MARIA, 21 nov. 2012)

Glória: A gente andava plugado, né? Ele tinha uma câmera, era o técnico, microfone, porque não era essa coisa moderna assim de hoje. Aquele monte de fio, e ele [o cinegrafista] andava no carro e, quando ele via qualquer coisa, ele saía sem avisar. Então você tinha que ir se desembaraçando do fio pra chegar. (MARIA, 21 nov. 2012)

O terceiro sentido constrói-se em oposição ao segundo, mostrando a *tecnologia como um atributo de competência*. Nesse núcleo, a tecnologia permite perceber o jornalismo como uma instituição social legítima, pois tem acesso aos recursos tecnológicos necessários que permitem produzir os relatos de forma ágil e verossímil. Essa tecnologia garante rapidez na apuração e transmissão dos acontecimentos, reiterando a noção do tempo como um dos valores fundamentais do campo. Aqui, ela representa um agente facilitador da coleta de informações, bem como da sua divulgação, conforme mostram os exemplos abaixo.

André: A gente conseguiu fazer essa cobertura [da ocupação do Morro do Alemão] com toda a nossa competência técnica. Ou seja, nós tínhamos o equipamento de altíssima qualidade na mão do Francisco lá do alto do helicóptero onde só nós mostramos aquela imagem. Onde nós tínhamos um equipamento de transmissão ao vivo com a Bette Lucchese, onde nós conseguimos entrar ao vivo. Nós alinhamos a nossa grande competência técnica que é inegável numa cobertura muito importante para a sociedade. (AZEVEDO, 19 DEZ. 2012)

Fátima: Como era o trabalho do repórter sem internet?

Beatriz: Era uma loucura, Fátima. Eu fiquei bastante tempo cobrindo o Palácio do Planalto lá em Brasília e o Congresso. Outro dia, eu lembrei dessa história quando eu vi todo mundo

com tablet, telefone celular, e a gente vai com aquilo, vai na bolsa. E eu me lembrei dessa história. Quando a gente tinha um furo - furo é quando você tem uma notícia que ninguém mais tem - era uma dificuldade, porque eu tinha que passar a informação para a televisão e, no Palácio, as mesinhas no comitê de imprensa onde nós trabalhávamos eram muito perto umas das outras. E tinha a cabine do pessoal do rádio que era fechadinha, mas estava sempre cheia. E pra passar a informação ninguém podia escutar o que eu estava passando, porque daí o furo deixava de ser só meu. Aí tinha um orelhão que ficava entre o Congresso e o Palácio do Planalto e era ali que eu corria, eu e outros tantos repórteres, mas era para lá que nós corríamos para passar as informações que os outros não podiam saber que nós tínhamos conseguido. E antes de ir pra redação, eu parava na rodoviária de Brasília, comprava aqueles fechos de fichas telefônicas desse tamanho e colocava na bolsa.

Fátima: Então o peso na bolsa era das fichas, não era dos celulares.

Beatriz: Não, que nada! Ali era a minha segurança, porque eu podia sair correndo e ia ter ficha pra passar informação. Tinha um telefone que todo mundo chamava de telefone vermelho, e ele era mesmo vermelho, que ficava na minha mesa que a televisão colocou pra gente fazer um ramal direto, e aí facilitou um pouquinho.

Fátima: Tinha um ramal direto lá do Palácio direto com a redação pra você passar...

Beatriz: É, mas tinha que falar muito baixinho. E agora quando eu vejo e-mail, torpedo, telefone celular... filmando! Outro dia eu cheguei numa delegacia pra ver como estava um caso lá que tinha acontecido, e encontrei a principal testemunha lá, e aí corri no carro e falei “gente, vem pra trazer o equipamento, ele está aqui, vamos filmá-lo”, cheguei lá já estava uma menina de um jornal com o telefone celular dela fazendo tudo na minha frente. Eu falei “ai, não é possível!”, mas é assim que a tecnologia anda e é assim que o nosso jornalismo vai andando. (THIELMANN, 26 dez. 2012)

Apresentados os três núcleos de sentidos resultantes da análise do discurso autorreferencial dos repórteres sêniores da TV Globo, pode-se apontar que a tecnologia é um elemento de divergência de sentidos, que ora levanta saudades de um tempo que já passou, ora provoca constrangimentos sobre o trabalho do jornalista, ora legitima a produção jornalística como instituição social autorizada a fornecer relatos credíveis sobre os fatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O repórter de televisão precisa adaptar-se aos novos recursos tecnológicos para acompanhar as mudanças na produção de relatos jornalísticos na medida em que a instituição para a qual trabalha adere a esses novos recursos como forma de manter-se socialmente legitimada para ocupar a posição de fornecer relatos credíveis a sua audiência. Ao mesmo tempo em que esse sentido é incorporado ao discurso do repórter, um segundo sentido - que levanta os constrangimentos aos quais eles devem se submeter

para aprender a lidar com as restrições e usos da tecnologia, bem como incorporá-la em sua rotina produtiva - não são apagados, mesmo em uma situação de comunicação que é institucional e corporativa, como se configuram as entrevistas no programa Encontro com Fátima Bernardes. A tecnologia como elemento restritivo e a tecnologia como atributo de competência convivem no mesmo espaço discursivo, que conforma as circunstâncias de produção da televisão como dispositivo de encenação.

A tecnologia como elemento nostálgico, por fim, ajuda a configurar uma imagem do jornalismo atrelada a um espaço de produção totalmente outro daquele em que os repórteres sêniores constituíram suas carreiras. Não está atrelado às rotinas produtivas do telejornalismo, mas sim às rotinas produtivas do jornalismo impresso, evidenciando que, mesmo em tempos de conteúdos multimídia, a identidade do jornalista centra-se na ideia de redação de jornal impresso, onde as máquinas de escrever faziam barulho e as rotativas perfumavam a redação com cheiro de tinta.

Acredita-se, assim, como bem apontam Brin, Charron e Bonville (2013), que os paradigmas do jornalismo convivem no mesmo espaço discursivo, ajudando a configurar não apenas uma prática jornalística, mas várias. E essas reforçam e reconfiguram o contrato de comunicação estabelecido com a audiência, formando novas identidades jornalísticas - em múltiplos dispositivos de encenação que requerem diferentes recursos tecnológicos para a sua produção - mas não abandonando as anteriores.

A partir da análise do discurso autorreferencial dos repórteres sêniores da Rede Globo, pode-se perceber que a relação do jornalismo com a tecnologia perpassa a própria história da profissão, criando imaginários sobre o que significa ser jornalista. Nesse percurso e na trajetória profissional dos jornalistas analisados, ocorreram mudanças significativas na transmissão de conteúdo e na forma de produção das notícias, mas as habilidades e competências de seus profissionais e os próprios valores do campo permanecem. Conclui-se, portanto, que as permanentes transformações tecnológicas alteram rotinas produtivas de forma consistente, mas isso não parece significar um afastamento dos ideais históricos do jornalismo, apontando para mudanças menos abrangentes e profundas do que inicialmente pensava-se.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalista sênior nas empresas de mídia. In: X Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2013, Brasília. *Anais...* Brasília: SBPJor, 2013.
- AZEVEDO, André Luiz. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: TV Globo, 19 dez. 2012. Programa de TV.
- BENETTI, Marcia. Análise do discurso: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. O jornalismo como gênero discursivo. *Galáxia*. v. 15. São Paulo: PUCSP, 2008.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- BRIN, Colette; CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. *Introdução*. In: Natureza e transformação do jornalismo: teoria e pesquisas empíricas. 2013 (no prelo)
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. Informação, Emoção e Imaginários: a propósito do 11 de setembro de 2001. In: DAYAN, Daniel (Org.). *O terror espetáculo: terrorismo e televisão*. Coimbra: Edições 70, 2006.
- DUARTE, Neide. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: TV Globo, 24 out. 2012. Programa de TV.
- ERICSON, Richard; BARANEK, Patricia; CHAN, Janet. *Visualizing Deviance: A study of News Organizations*. Toronto: Open University Press, Milton Keynes, 1987.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristovão: UFS, Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.
- GADRET, Débora Lapa. A imagem de si do repórter de TV: A construção do *ethos* no discurso autorreferencial. In: X Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2013, Brasília. *Anais...* Brasília: SBPJor, 2013.
- MARIA, Gloria. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: TV Globo, 21 nov. 2012. Programa de TV.
- MATTOS, Sérgio. *História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEMÓRIA Globo. Talentos. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos.htm>>. Acesso em: 08 dez. 2013.

MOREYRA, Sandra. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: TV Globo, 07 nov. 2012. Programa de TV.

NEVES, Flora; PIVETA, Patrícia. A evolução tecnológica na edição do telejornalismo. *Revista Famecos*. V. 18. Nº 2. Porto Alegre: PUCRS, mai/ago 2011.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Intexto*. V. 1. Nº 24. Porto Alegre: Ufrgs, 2011.

PEREIRA, Heraldo. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: TV Globo, 14 nov. 2012. Programa de TV.

THIELMANN, Beatriz. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: TV Globo, 26 dez. 2012. Programa de TV.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

NOTAS

- 1 Essas entrevistas foram primeiro analisadas em estudo que buscava compreender a imagem de si do repórter de televisão. Uma das formações discursivas presentes no discurso autorreferencial dos repórteres foi “somos competentes”, que estava em grande parte associado ao tempo que esses jornalistas atuavam na profissão e, particularmente, da Rede Globo, associado também à noção de que seu trabalho é reconhecido tanto pelos telespectadores, quanto pelos pares - sejam estes por meio de elogios de colegas de profissão ou por meios de premiações (GADRET, 2013).
- 2 Segundo Charaudeau (2009), o contrato é condicionado por dados externos e internos ao discurso. Os dados externos são compostos pelas condições de finalidade (informar para quê?), identidade (quem informa quem?), propósito (informar sobre o quê?) e dispositivo (informar em que circunstâncias?). Os dados internos reúnem as condições textuais, que incluem a locução, a relação e a tematização.

Artigo recebido: 25 de fevereiro de 2014

Artigo aceito: 29 de setembro de 2014